

Entrevista Loukas Tsoukalis

ESPECIALISTA EM ASSUNTOS EUROPEUS, CONSELHEIRO ESPECIAL DE DURÃO BARROSO

“Os alemães estão em estado de negação”

A dificuldade da Europa em chegar a um consenso sobre o problema grego é um sinal das fragilidades políticas que ameaçam corromper a integração europeia

ELISABETE MIRANDA, EM ATENAS

Loukas Tsoukalis combina a condição de economista grego com a de especialista em assuntos europeus, o que lhe dá um olhar privilegiado sobre a actual crise. Ao **Negócios** afirma que para uma Europa próspera e coesa não basta que os países do Sul reduzam os seus défices, é também preciso que a Alemanha dinamize o consumo interno.

É a Europa que está a ser vítima da má gestão da Grécia, ou são os gregos que estão a ser vítimas da inabilidade da Europa em gerir crises internas?

Em primeiro lugar, a crise da dívida é essencialmente um problema de má gestão orçamental do lado grego. Há poucas dúvidas acerca disso e os gregos carregam uma responsabilidade colectiva pelo sucedido. Claro que a Grécia não é o único país que tem um grande défice, nem o único país que tem uma grande dívida, nem o único que perdeu competitividade dentro da Zona Euro, nem o único que usou contabilidade criativa. Mas fez tudo isto ao mesmo tempo e numa escala maior que os outros. O segundo aspecto é que o problema grego é, em certa medida, um precursor de outros problemas que provavelmente ocorrerão noutros países como Portugal, Espanha, Irlanda... Os mercados perceberam que a Grécia é um primeiro teste.

E a Grécia foi vítima da indecisão da União Europeia (UE)?

Esta não foi a melhor altura para isto ocorrer. Tem havido uma grande falta de liderança da UE, os nossos mecanismos de coordenação são muito fracos. A Comissão tem sido sucessivamente enfraquecida e não tem tido capacidade para ser assertiva nas suas posições.

Como é que esta estrutura bicéfala entre Comissão e Conselho interfere na eficácia das políticas?

Durante os anos assistimos à tentativa de alguns governos individuais para limitar a margem de manobra e a independência da Comissão, o que é lamentável. A União não deve

transformar-se numa organização intergovernamental e há uma tendência para que assim aconteça. E também há uma tendência, sobretudo dos grandes países, de olharem para os assuntos europeus como negócios entre Estados, e não como o funcionamento de instituições comuns. Isto não pode continuar.

Este longo processo de decisão em torno da ajuda à Grécia é um sintoma.

Enfraqueceu-a e se continuar vai enfraquecê-la. Vivemos num tempo em que se defende a necessidade de mais integração num mundo onde o poder relativo dos países vai declinar, mas quando agimos, fazemos o contrário. Por exemplo, o mecanismo que foi desenhado para salvar as economias da Zona Euro coloca o FMI numa posição-chave. Não tenho nada contra o FMI, mas isto é um problema para países que partilham uma moeda. Se não temos os mecanismos, a confiança mútua e a capacidade de lidar com os problemas juntos, isso diz alguma coisa sobre a Zona Euro. E é uma infelicidade.

O acordo tem outro problema, ninguém sabe como funcionará.

Não entro num apedrejamento dos alemães e compreendo a frustração que eles sentem com as más gestões orçamentais de alguns países. Mas os alemães estão num estado de negação. Achar que quando os outros países europeus começarem a ser mais cumpridores das suas contas públicas vão parecer-se mais com a Alemanha, e que isso será o fim dos problemas na Zona Euro, é negar a realidade. Em primeiro lugar, os outros países nunca serão a Alemanha. Em segundo lugar, porque se a única solução é pedir aos gregos, portugueses, italianos, espanhóis que façam todos um grande ajustamento orçamental, e mais nada acontecer, o resultado será uma grande recessão, com implicações sobre a economia europeia e a alemã, que é o maior exportador.

Que mais precisa de acontecer, então?

É preciso que os países do Sul corrijam os seus défices, mas é preciso que a Alemanha se responsabilize

por dinamizar a procura interna na Europa. Os desequilíbrios estão a ser criados dos dois lados.

A chanceler alemã não se mostrou muito inclinada a abdicar das suas vantagens competitivas.

Eu sei, e espero que mude. Se continuar a política que tem seguido, isso terá um mau resultado na economia e na integração europeias.

Que tipo de problemas na integração?

Se continuarmos a gerir a integração europeia com base em cálculos de curto prazo, não vamos longe. Se a Europa conseguiu o que conseguiu até agora, foi porque alguns líderes europeus se comportaram como homens de Estado e viram mais longe. Não agiram com base nos seis meses que têm pela frente.

O que é que os europeus podem fazer?

Penso que quantos mais europeus se envolverem no debate interno alemão, melhor será. Temos de continuar o debate, é a única coisa que podemos fazer. Devo lembrar que, apenas um dia antes do Conselho [da Primavera], a posição da Alemanha era de rejeição completa de qualquer mecanismo de salvação, e um dia depois ele apareceu. Há outro vício de raciocínio nos alemães: o de que se formos todos responsáveis e pusermos mangueiras por todo o lado não precisaremos de um bombeiro. É um argumento errado e perigoso. Precisamos das duas coisas: da precaução e da reparação.

Quem está em melhor posição para convencer os alemães?

A Comissão deve aparecer mais com argumentos e uma posição mais clara. Mas o debate público também deve ser mais forte.

E qual o papel dos países mais pequenos aí?

Devem aparecer com propostas sobre como reforçar os mecanismos de coordenação e mudar o contexto do debate. Portugal e a Grécia devem tornar-se mais assertivos e idealmente apresentarem coligações para defenderem as suas soluções.

PERFIL

“PESSIMISTA DA RAZÃO, OPTIMISTA DA VONTADE”

Esteve em Portugal no pós 25 de Abril e recorda como os jornais só falavam do País e das colónias. “Era muito paroquial, fiquei impressionado”, diz o economista que, recém saído da faculdade, veio fazer um trabalho sobre Portugal, Espanha e Grécia, os mesmos que agora estão debaixo dos holofotes dos mercados. “Era inacreditável que não houvesse notícias da Europa. Isso para mim é que foi uma revolução”, confessa o especialista em integração europeia e conselheiro especial de Durão Barroso. Tsoukalis ficou ainda impressionado - desta vez pela positiva - com a facilidade com que João Cravinho (na altura seu “assistente”) o pôs em contacto com pessoas da esquerda à direita, do patronato aos sindicatos. “Na Grécia seria impossível. A sociedade é muito fragmentada, não há comunicação entre os diversos agentes. Talvez por isso passemos a vida a protestar.” Tsoukalis dá ainda aulas na Universidade de Atenas e no Colégio da Europa, em Bruges, e preside ao Eliamep, um instituto para a promoção de políticas europeias. Embora pessimista nas análises, recusa-se a aceitar que a Grécia e a Europa não têm saída.



O que está a acontecer na Grécia é um primeiro teste ao que vai acontecer em Espanha, Portugal, Irlanda...

Série cinco dias

Crise grega, drama europeu?

2ª-feira - Entrevista
As fragilidades da Grécia são as ameaças de Portugal

3ª-feira - Entrevista
Dos anos dourados a uma situação terminal

Hoje - Entrevista
A Europa também vai nua

Amanhã - Entrevista
Como o mercado de capitais pode sobreviver à ruína

6ª feira
Reportagem

Bloomberg



“Europa precisa de dois ou três Obamas em posições-chave”

Além da aprovação do mecanismo de resgate à Grécia, foi acordado reforço do governo – ou governação – da Europa. O que é que isto quer dizer?

Não sei. Só o facto de haver uma discordância em relação ao significado dos termos já diz muito. Sempre defendi que não se pode ter uma união monetária sem um mecanismo de governo económico. Esta construção é pós-moderna, vai contra a leis da gravidade. E as leis da gravidade estão agora a vingar-se. Ter um Banco Central Europeu (BCE) e um Pacto de Estabilidade não é suficiente, e a História prova-o.

O que significa mais governo económico? Haveria, por exemplo, uma harmonização fiscal e tectos às despesas?

O princípio geral é que a direcção dos orçamentos nacionais não deve ser da responsabilidade exclusiva dos países. Agora, quão longe se deve ir é matéria para ser debatida até com as opiniões públicas nacionais. A soberania tem de ser mais partilhada. Vai ser um processo muito doloroso, mas, se não avançarmos, não poderemos ter uma união monetária. Acordámos uma união monetária sem termos percebido o que isso implica. Agora temos de tirar as conclusões.

A UE não precisa também de uma política de crescimento?

Não o poria em termos de crescimento, mas acho que deveria ter prioridades económicas.

E o BCE devia ter o crescimento entre os seus objectivos, como a Fed?

Idealmente, sim. Mas se há instituição que sai da crise com mais poder, reconhecimento e respeitabilidade, é o BCE. Geriu a crise financeira

e a falta de liquidez com uma notável sabedoria. É preciso que tiremos lições daqui: o BCE é uma instituição europeia, é um banco europeu, não é uma instituição intergovernamental. Não é por acaso que Trichet disse que era contra a intervenção do FMI. Teve coragem.

Ficou surpreendido?

Fiquei agradado.

Concorda com um Fundo Monetário Europeu?

Acho que a UE precisa de um credor de último recurso, qualquer coisa criada nesse sentido é boa. O problema é que não é para amanhã, ninguém no seu perfeito juízo defende uma revisão do tratado agora.

Angela Merkel quer revê-lo para poder expulsar os membros faltosos.

Espero que não esteja a falar a sério. Não tenho problemas com regras e sanções, mas esta não é a solução.

E a regulação financeira? O governo britânico não parece estar muito disposto a ceder nos “hedge funds”.

Se a Europa acha que tem problemas com o Reino Unido, que espere para ver o que acontecerá se os conservadores chegarem ao poder. Não vão ser tempos fáceis para o euro. A minha única esperança é que algumas das pessoas que estão em posições-chave olhem para lá do seu nariz. No passado da história europeia houve períodos complicados onde se percebeu o que estava em causa.

Está a dizer que a Europa só funciona em reacção pós-traumática?

Claro. Também está a ficar mais difícil porque a geração que está ago-

A Europa tem uma construção pós-moderna que desafia as leis da gravidade. Ter um BCE e um Pacto de Estabilidade não chega.

ra no poder já não tem memória da guerra. É preciso uma nova narrativa sobre o que é a Europa. Não podemos virar-nos para as pessoas de 25 anos e dizer-lhes que queremos a integração europeia porque não queremos outra guerra franco-alemã. Para eles isso é história antiga.

Quem faz esse trabalho se as próprias lideranças políticas também já perderam a memória?

Às vezes situações difíceis de crise produzem pessoas notáveis. Veja o caso de Obama. Alguém teria adivinhado há três anos que os EUA teriam uma pessoa destas? Pode acontecer na Europa. Precisamos de dois ou três Obamas em posições-chave. De outro modo, poderemos estar num grande sarilho.

“Sistema político é o maior problema grego”

O que a Grécia está a atravessar é só uma crise de dívida, ou é também uma crise de modelo económico e social?

Não, não, é mais do que isso. O nosso maior problema tem a ver com o sistema político, que é clientelar. Os dois maiores partidos [Pasok e Nova Democracia] são um sistema de clientela. Vêm para o poder e tentam preencher as necessidades dos seus eleitores. E clientela significa também, no nosso caso, arranjar empregos para os eleitores. O sector público está a rebentar pelas costuras. Além de excedentário, os negócios de Estado são vulgarmente acompanhados de corrupção. Além disso, nos anos recentes tivemos moeda estável, com taxas de juro baixas e sem risco cambial. E isso levou a um “boom” de consu-

mo que não foi acompanhado por um aumento de produtividade.

Vão conseguir ultrapassar o problema? Provavelmente terão vários anos de estagnação, desemprego alto...

Se vamos dizer isso às pessoas, haverá desapontamento – para ser brando. Os gregos não aceitam o sacrifício facilmente, é um país de contestatários. A única coisa que nos pode ajudar é o governo apresentar um modelo alternativo de desenvolvimento e uma perspectiva de mudança. Senão, vamos abaixo.

O que o faz pensar que os gregos assumirão uma responsabilidade colectiva e que os políticos não desperdiçarão mais um mandato?

Não se pode fazer uma aborda-

gem pessimista nesta fase. Se alguém tivesse dito a um grego, há uns tempos, que o primeiro-ministro estaria a dizer em público o que está a dizer, e a tomar estas medidas, ninguém teria acreditado. Mas o certo é que ele está a fazê-lo. Há uma possibilidade, e as pessoas admitem que isto não pode continuar.

E estão dispostos a pagar a sua parte?

Isso será testado, não posso garanti-lo. Mas há outro teste: daqui a três anos teremos outras eleições. Se mais de 50% dos membros do parlamento de hoje ainda lá estiverem, então o modelo falhou. Não estou a vender falsas esperanças. Só estou a dizer que é possível. A alternativa é qualquer coisa entre uma queda controlada ou uma queda livre.

Também é preciso que a Alemanha se responsabilize por dinamizar a procura interna na Europa.

Sem outro modelo, a Grécia vai abaixo: em queda controlada ou em queda livre.